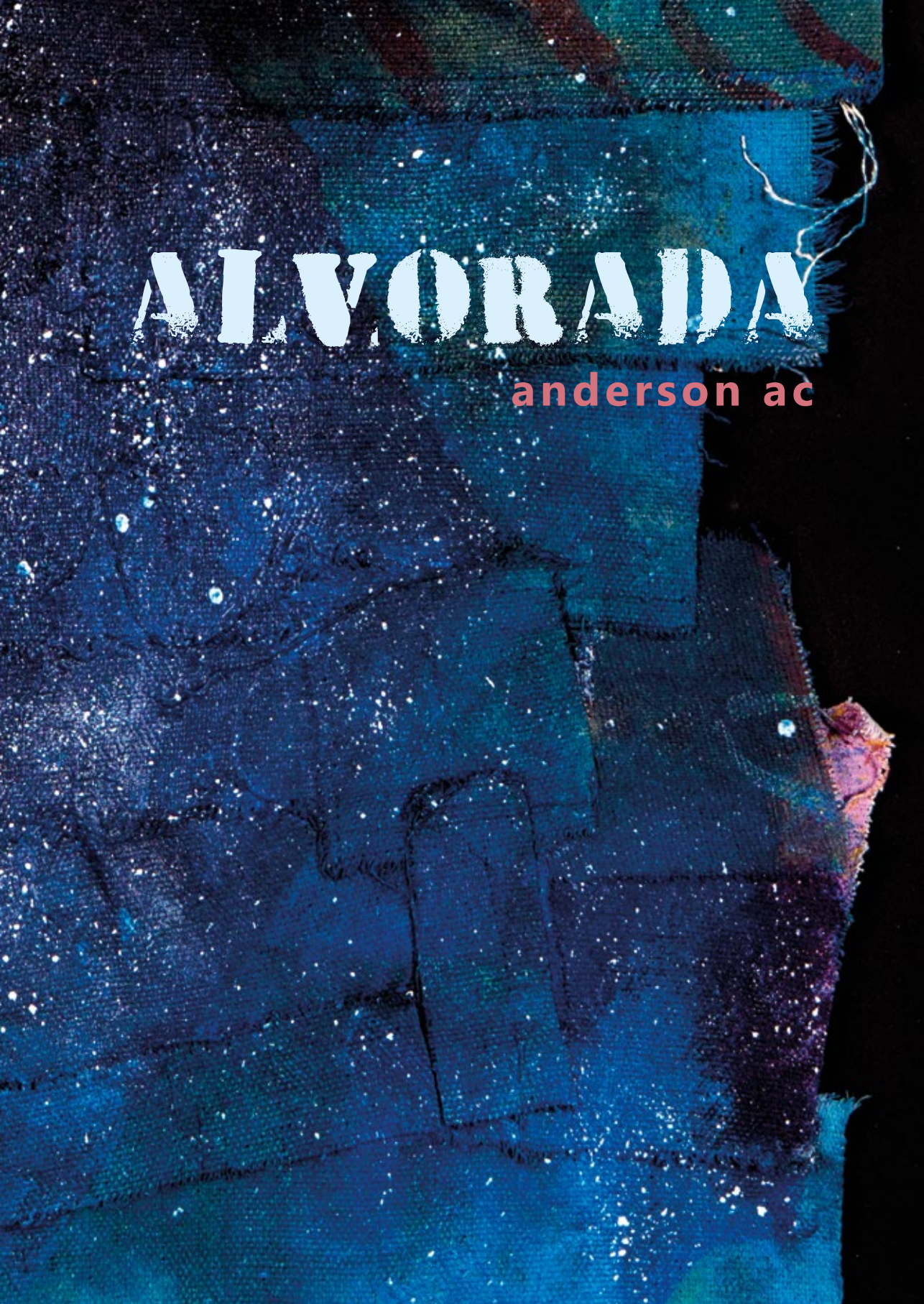
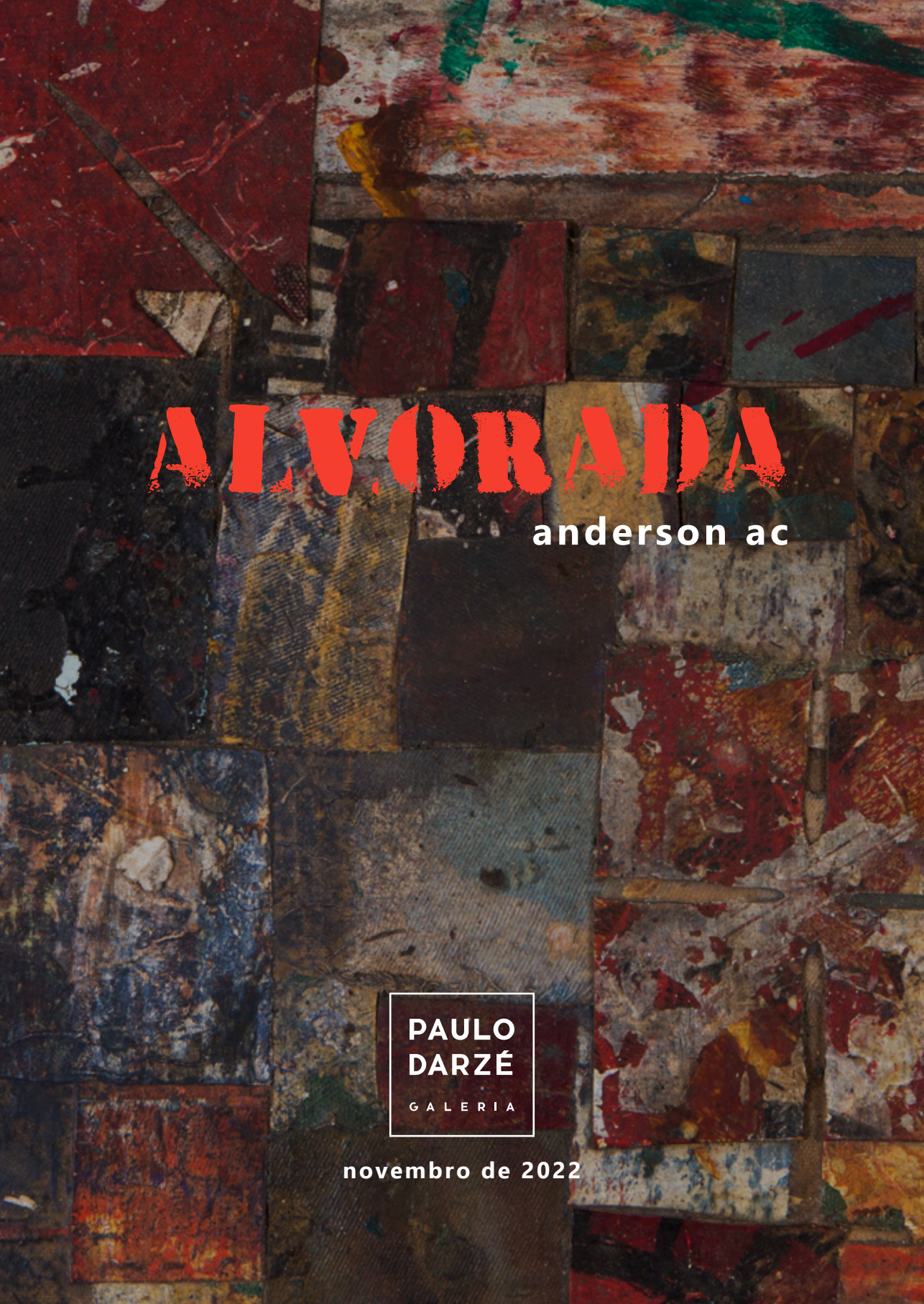




ALVORADA

anderson ac



ALVORADA

anderson ac

PAULO
DARZÉ

GALERIA

novembro de 2022



LUSCO FUSCO

Fragmentos de telas agrupadas como mosaico, spray, acrílica e marcadores sobre algodão cru e lona locomotiva colada sobre suporte de metal

45 x 35 cm

2009

TESSITURA DA ALVORADA

por MARCELO REZENDE

O que “Tessitura da Alvorada” representa? Essa não é, de forma alguma, uma questão menor; é parte de toda a história da pintura e de nossa relação com as imagens, a representação. Mas é aqui, nesse degrau inicial da longa escalada proposta por Anderson AC, que o primeiro tropeço em nosso entendimento se torna um risco.

Ainda que elementos de sua pesquisa artística de mais de uma década estejam presentes de forma evidente (os códigos visuais da arte do grafitti, a cultural africana em Salvador como matriz e toda a simbologia religiosa e social), “Tessitura da Alvorada” é, a um só tempo, um prosseguimento e uma radical atitude de rompimento em e com a trajetória do artista: o que vemos não são pinturas – em seu sentido mais elementar –, mas um outro objeto, algo que pede uma outra definição, uma outra categoria na qual as imagens pintadas são apenas uma camada inicial em nome do próprio entendimento da obra: no lugar da pintura, um objeto pictórico, ativo, em permanente ação diante de suas próprias circunstâncias.

As circunstâncias brasileiras (passadas e presentes, talvez de uma forma nunca tão evidente) são aquilo que se sabe: o lento genocídio das populações indígenas, a violência social, o achatamento da presença feminina na esfera política, o racismo como estrutura de base, o ódio à floresta, a pobreza e a colonização do outro e todos os mecanismos de destruição, também simbólica, em nome da geração de um suposto progresso e desenvolvimento numa carnavalização temperada em histeria, ansiedade e crueldade, sempre apoteótica, do mito (fascista) da decadência dos reais valores nacionais.

A descrição dessas circunstâncias é em tudo negativa. De todo modo, é necessário observar o que há de positivo nesse oceano de negatividade: a existência de um permanente estado de luta em oposição a esse regime de forças. Não há uma neutralidade artística possível, porque toda luta política cria uma forma estética. Os objetos pictóricos de Anderson AC operam precisamente nesse campo, na definição mesmo da ideia de tessitura, que pode ser definida, na língua portuguesa, como o encadeamento entre as partes de um todo. A tessitura demanda um gesto necessariamente político, e esse gesto é a chave para uma melhor compreensão da posição ocupada por essa nova série de trabalhos.

Se a forma estética não pode ser dissociada da luta e de suas circunstâncias políticas, a escolha dos retalhos para a composição dos objetos pictóricos de "Tessitura da Alvorada" não é, então, de maneira alguma, gratuita. É o que sustenta o objeto pictórico em toda sua dimensão, porque com ele, os retalhos, é capaz de transportar uma vitória do passado para o conflito do presente. Os retalhos não apenas representam algo, eles são a parte ativa de toda obra, os restos de uma precisa circunstância histórica: a participação dos operários da indústria têxtil durante a greve geral na cidade de Salvador em 1919.

No período, dos "283.422 habitantes contabilizados, 31,1%, ou seja, 88.144 seriam brancos e 68,9%, ou seja, 195.277 seriam negros e mestiços (...), em grande parte feminina, e acima de tudo negra, mas nem por isso passiva, a classe trabalhadora de Salvador era, então, uma multidão híbrida, saída da escravidão, formada por homens e mulheres que labutavam como proletários fabris, totalmente desprovidos dos meios de produção tendo

como único meio de vida a venda de sua força de trabalho (...) A greve geral de junho de 1919 foi um fenômeno extraordinário não só por ter sido o primeiro movimento da classe operária capaz de paralisar toda a cidade do Salvador, mas também por ter legado para o operariado (ou para parte dele) um novo padrão de comportamento político frente às suas necessidades imediatas. O movimento operário baiano de 1919 diferenciou-se do de sua fase anterior principalmente por ter superado seu antigo caráter puramente defensivo, quando os operários apenas lutavam em condições adversas para manter conquistas pré-existentes, e por ter passado para um movimento ofensivo, apresentando reivindicações novas, ligadas, inclusive, ao processo de trabalho”¹.

Quase a totalidade desse complexo industrial têxtil do início do século passado se encontrava na região hoje definida como áreas suburbanas da capital baiana, o mesmo território no qual Anderson AC tem como seu espaço social e de trabalho. O quanto há de presente nesse passado do ano de 1919? Nos retalhos de “Tessitura da Alvorada” há um caráter de arqueologia e memória, e as figuras pintadas sobre esses fragmentos de tecido transitam entre uma série de processos ainda inacabados, flutuando sobre conflitos jamais plenamente resolvidos. Decididamente, esses objetos pictóricos não se resolvem apenas nas imagens visíveis aos olhos, porque demandam uma outra sensibilidade. Não se trata de exaltação das formas, não se trata apenas do que esses objetos mostram, mas sobretudo do que irradiam em nome da reconstrução de uma cultura agora em pleno colapso.

1 Aldrin Armstrong Silva Castellucci. *Salvador dos Operários: Uma História da Greve Geral de 1919 na Bahia*. UFBA. 2001.



RAIAR APÓS A NOITE ESCURA II

Fragmentos de telas agrupadas como mosaico, spray, acrílica e marcadores sobre algodão cru e lona locomotiva colada sobre suporte de metal

35 x 50 cm

2009



RAIAR APÓS A NOITE ESCURA I

Fragmentos de telas agrupadas como mosaico, spray, acrílica, e marcadores
sobre algodão cru e lona locomotiva colada sobre suporte de metal

35 x 50 cm

2009

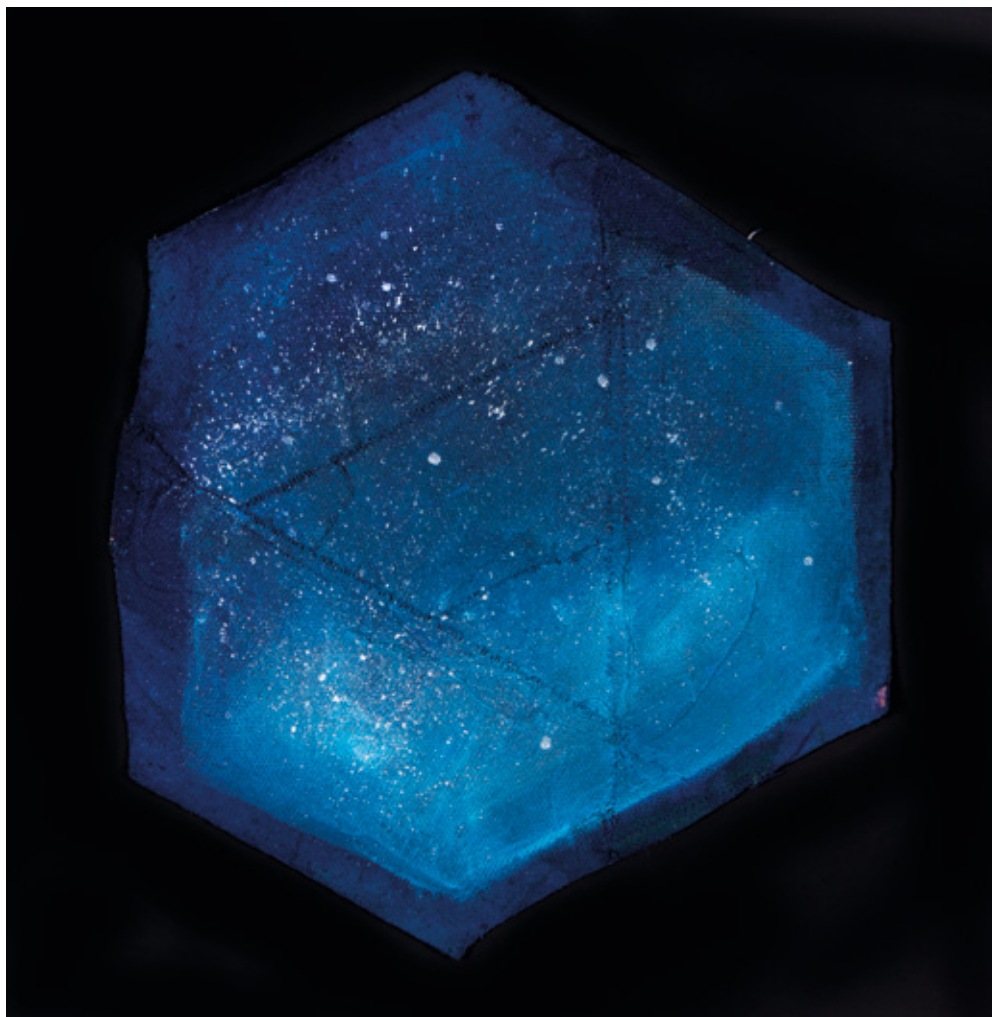


TESSITURA

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos de algodão cru agrupados como trama

107 x 100 cm

2022

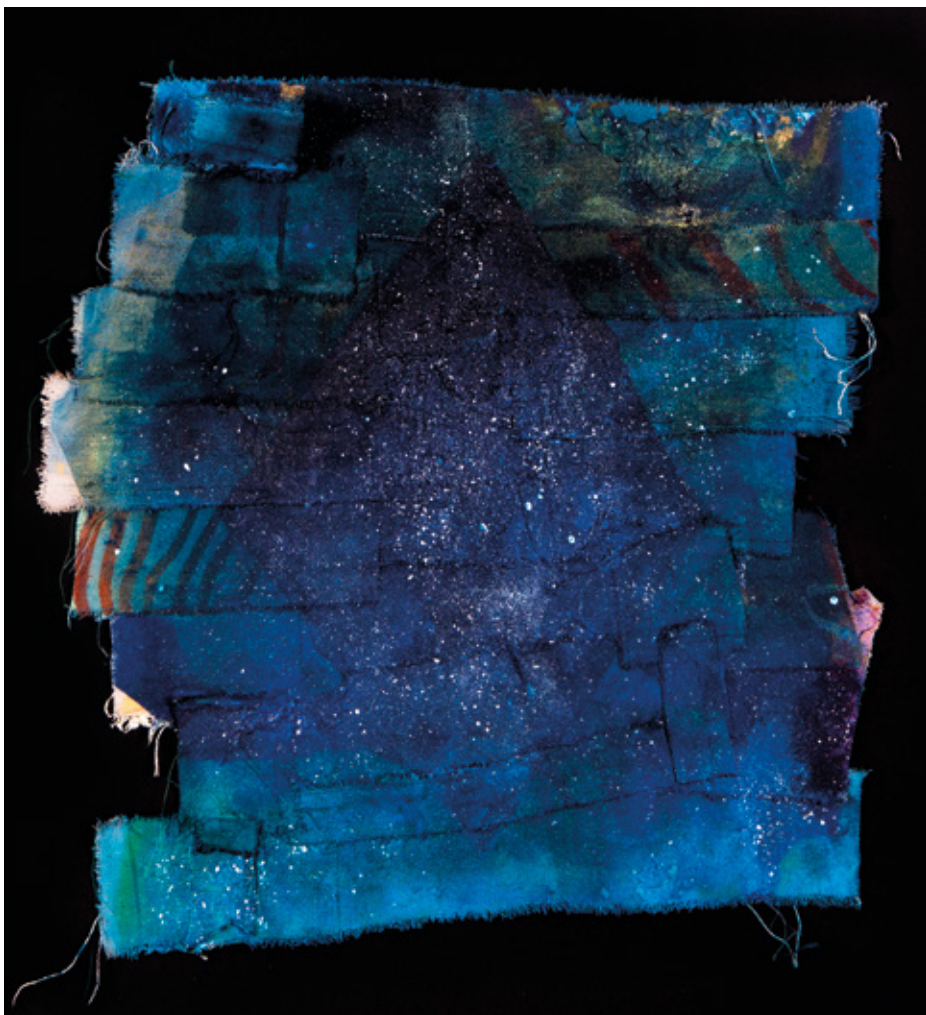


ALVORADA

Spray, acrílica e marcadores sobre suporte têxtil hexagonal feitos com fragmentos de algodão cru costurados e colados sobre suporte de madeira

60 x 60 cm

2022



VIA LÁCTEA

Spray, acrílica e marcadores sobre fragmentos horizontais de algodão cru,
costurados e colados sobre suporte de madeira

86 x 83 cm

2022



CÉU SOBRE NÓS

Spray, acrílica e marcadores sobre 4 fragmentos verticais de algodão cru

165 x 135 cm

2018-2022

DO RASGO A CURA

por THAIS DARZÉ

A primeira claridade da manhã que desponta no horizonte, aqueles primeiros instantes que anunciam a chegada de um novo dia, é um novo ciclo num universo de possibilidades que se renovam e se apresentam todos os dias a cada manhã. No contexto religioso afro-brasileiro é também o horário que se iniciam diversas cerimônias nas comunidades de terreiro. É justamente por essa ótica que o artista plástico Anderson Cunha escolheu “Alvorada” como título de sua exposição, que, para ele, significa um processo de renovação dentro de sua própria obra.

Não é a primeira vez que AC retalha suas pinturas. Jovem, negro, de bairro periférico de Salvador, esse processo de rasgar, dividir, retalhar suas telas começou em 2008, quando seu irmão foi assassinado. Logo após essa terceira perda, já que nos anos anteriores havia perdido seus pais, os retalhos aparecem em sua obra, junto à série chamada “Álbum de Família”. A presença dos recortes aqui é fruto de uma violenta história pessoal de vida, que foi marcada por perdas abruptas, em que, num intervalo de cinco anos, o artista perdeu todo seu núcleo familiar.

Em 2016, o rasgo retorna nas suas pinturas. Poucos anos antes, em sua primeira ida à África, em 2010, Anderson participa de residência artística durante a II Trienal de Luanda, na qual o artista pinta um grande mural na capital angolana, retratando sua própria família, que possui descendência Bantu. Em contrapartida, traz consigo uma série de imagens para produzir no Brasil, reforçando as noções das pontes transatlânticas, seus fluxos e refluxos. As pinturas dessa série são todas retalhadas como forma de denúncia às dilacerações, frutos dos processos escravistas.

No entanto, em sua nova série, titulada de “Tessituras da Alvorada”, os retalhos se apresentam de forma bastante distinta das séries anteriores. O corte agora vem acompanhado da costura, em que todos os retalhos são suturados pelo próprio artista, que senta na máquina de costura para unir cada um dos fragmentos, dando forma a novos suportes, totalmente irregulares. A figuração continua sendo protagonista das pinturas, mas o cenário de fundo tende à abstração.

Se antes a intenção de Anderson era expor o rasgo, na sua dimensão simbólica de ferida aberta, dores e violências, as “tessituras” foram incluídas como processo de cura desses ferimentos e dores do passado, sem deixar de assumir as cicatrizes e marcas que essas violências causaram em sua vida pessoal, além da dimensão histórica e social dessas mazelas. A palavra *tessitura*, nesse contexto, tem o significado atrelado à constituição de um tecido, sua textura, a tessitura da tela e as novas tramas adquiridas após serem remendadas.

Essa série tem uma ideia de superação dessas dores, mazelas e holocaustos históricos, constituídos através dos processos de colonização e escravização de povos africanos. Se, nas pinturas anteriores, o rasgo tinha o papel de denunciar e deflagrar, agora as tessituras têm a função de curar, superar e transformar essas feridas históricas, não apenas ligadas à sua realidade pessoal, mas de todo um histórico imposto ao povo negro. É tempo de seguir em frente, é “Alvorada”, o primeiro raio da manhã.



SOL DA MEIA-NOITE

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos
de algodão cru agrupados como trama

105 x 110 cm

2022



EU VEJO O CÉU AZUL ENQUANTO O HORIZONTE ME OLHA

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos verticais de algodão cru,
costurados e colados sobre suporte de madeira

140 x 250 cm

2022



ARQUEOLOGIA DO AGORA (SELFIE NA TRILHA PARA UMA NOVA TRILHA)

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos
de algodão cru agrupados como trama

105 x 105 cm

2022



BRISA DA MANHÃ

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos horizontais
de algodão cru, costurados e colados sobre suporte de madeira
120 x 130 cm
2022



COMO TECER A ALVORADA?

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos verticais de algodão cru, costurados e colados sobre suporte de madeira

132 x 100 cm

2022



ALVORADA GOLD

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos verticais de algodão cru, costurados e colados sobre suporte de madeira
137 x 90 cm
2022



A MANHÃ SEMPRE VEM

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos diagonais de algodão cru, costurados e colados sobre suporte de madeira

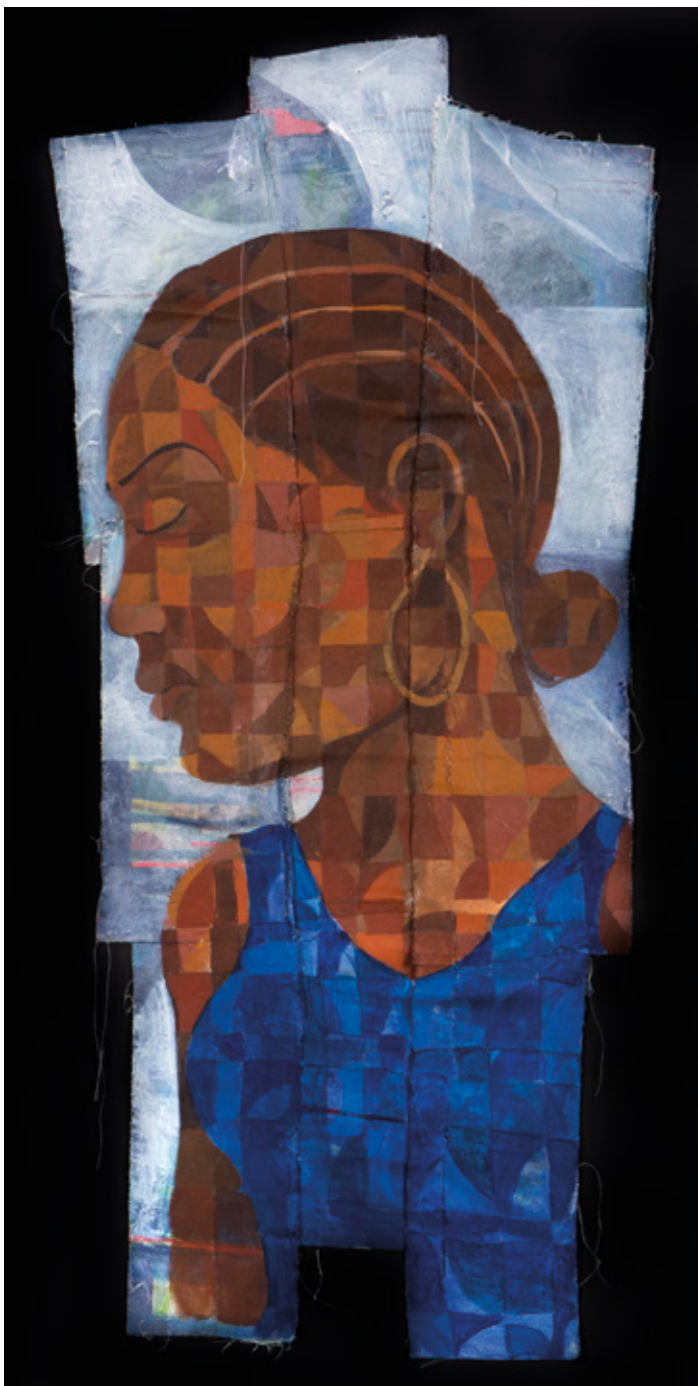
115 x 115 cm

2022



ANTES DO ALVORECER

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos horizontais
de algodão cru, costurados e colados sobre suporte de madeira
105 x 100 cm
2022



VOLTAMOS A FALAR DOS SONHOS PELA MANHÃ

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos de dimensões variadas de tela, costurados e colados sobre suporte de madeira
147 x 75 cm
2022

PINTURA MURALISTA

por EMANOEL ARAÚJO

A pintura grossa e expressionista de Anderson AC o põe em contato com a largueza da pintura de rua, no que ela tem de comunicativa e nos temas abordados por ele. Consciente da sua presença no mundo, ele discute na sua obra as relações sociais e estéticas do seu tempo.

Claro que, vivendo em Salvador, ele interage como participante da lúdica atmosfera que a terra lhe oferece.

Sua obra de grandes dimensões mostra um artista com grande fôlego na realização de uma obra que se desdobra no ato livre de pintar. Claro está que Anderson AC lida com as circunstâncias de suas vivências, sem, contudo, ser panfletário, sem ser cartaz, mas a expressão de um pintor na perspectiva de processar uma consciência política num mundo em constante transformação, sobretudo de novas formas de expressão estética.

Anderson AC, com sua pintura grossa, vai além da apropriação de imagens reconhecidas, como fotos e situações da vida em si. Há também na sua pintura um desafio à pintura lisa, rompendo através de cortes no suporte como se dividisse em tempos e ritmos da obra.

Saudamos esse artista afrodescendente da Bahia, seu talento e seu compromisso de estar em legítimo estado de espírito com a sua terra e sua origem étnica.



ALVORADA COM LUA CHEIA

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos triangulares de algodão cru, costurados e colados sobre suporte de madeira
66,5 x 76,5 cm
2022



FIRMAMENT ROSE

Spray, acrílica, grafite e marcadores sobre fragmentos de algodão cru, dimensões variáveis, costurados e colados sobre suporte de madeira
100 x 150 cm
2022



ANDERSON AC

por CLAUDIUS PORTUGAL

Anderson AC é um dos novos nomes da arte baiana e integra o acervo da Paulo Darzé Galeria. Seu trabalho utiliza de diversas linguagens, como a pintura, o grafite, a colagem, a arte postal, o vídeo, a fotografia digital, a literatura, o uso de imagens e documentos familiares, vestígios, deslocamentos, documentos, relatos e imagens, memórias e registros pelos quais se desdobra numa constante intervenção artística para a criação das composições estéticas que servem de suporte para seus trabalhos, em que cria, desenha, cola, pinta, fotografa, interfere; em que questiona e discute processos, como um espaço de concepção, reflexão e desenvolvimento destas ideias; em que revela um conceito elaborado de vivência através da memória e da sobreposição de linguagens artísticas, na qual o caráter itinerante do processo de documentação dos fatos cotidianos cria o espaço de experimentação através de um diálogo entre arte e vida, de um cotidiano transformado em arte.

Anderson AC nasceu em 1979, em Salvador-Bahia, onde vive e trabalha. Nos seus projetos, o artista parte de algum objeto antigo em busca da construção de séries de trabalhos; são os objetos/portais, fios condutores que criam relações entre passado e presente, permitindo ao artista abordar questões históricas, não apenas a partir de uma mera e simples escolha, mas de questões impostas pelo destino, o que cria uma real ligação entre arte e vida, constituindo a ideia de que nada está solto no universo: tudo está ligado.

Expondo regularmente em festivais, bienais, trienais e mostras coletivas significativas, esteve na 7ª edição do SP-Arte, no pavilhão Bienal, Ibirapuera São Paulo. Tem na sua trajetória a participação no coletivo de grafite 071crew, no qual realizou várias intervenções urbanas na cidade, durante os anos 2000.

A partir de 2007 começou a se apresentar em mostras coletivas, com destaque para a *Original Vandal Style*, única exposição do coletivo, e as exposições *3 Pontes* na II Trienal de Luanda; *Arte Lusófona Contemporânea*, no Memorial da América Latina; em São Paulo; *Afetos Roubados no Tempo*, no Centro Cultural da Caixa, em Salvador; e *Muros*, coletiva que reuniu 11 grafiteiros baianos na galeria do Ferrão, no Pelourinho, também em Salvador. Realizou uma residência artística em dois locais relacionados com suas origens - primeiro em Luanda, Angola, durante a II Trienal, que teve como temas as *Geografias Emocionais – Arte e Afetos*; e depois em Évora, Portugal, onde realizou sua primeira exposição individual. Duas outras mostras foram realizadas em São Paulo, Galeria Sosso, e, em Strasburgo, França, na galeria do Conselho da Europa. Sua última exposição individual foi a primeira em Salvador, e se chamou *O diário de bordo* ou *O livro dos dias*, na ACBEU (Associação Cultural Brasil-Estados Unidos), em 2017.

Em 2019 apresentou a mostra *Pintura Muralista*, num dos pilares da resistência artística visual da arte negra no Brasil, o Museu Afro-Brasil em São Paulo. Segundo Emanuel Araujo, curador e diretor do Museu, “Anderson AC é um artista baiano proeminente com uma potente produção marcada pela pintura grossa e expressionista, e a relação entre murais urbanos e a consciência sobre as contradições de um mundo cheio de diferenças sociais, e estranhezas religiosas”.

ENTREVISTA COM ANDERSON AC

Você inaugura um novo espaço na Paulo Darzé Galeria. O que você pode dizer sobre “Tessitura da Alvorada”?

Realmente, eu me sinto muito honrado por isso. Sou um artista influenciado pelos acasos, pela memória ancestral, pela memória familiar e por acontecimentos existenciais. Curiosamente, o espaço onde funciona a Galeria era uma casa, onde um dos meus tios foi caseiro, um espaço que visitei em alguns momentos na infância, um espaço onde as memórias se ligam a momentos bons, mas também à subalternidade e a toda uma herança colonialista. Então, hoje, retornar como artista e, mais ainda, como artista que está realizando uma exposição individual, que, como você cita, inaugura um

novo espaço nesta galeria tão importante, pra mim é um momento muito especial, é realmente uma honra e uma felicidade muito grande, e é, de certa maneira, uma forma de honrar a memória de meus ancestrais, principalmente por ser, neste momento, onde venho tecendo essa minha alvorada. “Tessitura da Alvorada” é minha nova série, a qual relaciona as ideias de tessitura, que por analogia quer dizer “o modo como estão interligadas as partes de um todo; organização, contextura”, e de alvorada, que além de contemplar os primeiros momentos antes do nascer do sol, é o momento em que muitos rituais de matriz africana ocorrem, dada a importância desse instante.

Essa série incorpora novos modos de produção – como a costura – e dá-se em um momento de transformação do processo artístico que engloba a minha produção. Momento de entendimento das minhas necessidades interiores e de percepção do momento presente; assim como a percepção de como outras pessoas com a mesma realidade periférica que eu tive vêm vivendo e de como se faz necessário reposicionar a imagem dos afrodescendentes diante do seu protagonismo no que cerne à construção deste país. Percebo que (nós, os negros) vivemos o início de um momento de protagonismo em relação à nossa história. Na verdade, é um momento de luta e de amplificação dessa luta contra o racismo sistêmico e estrutural, presente desde o período colonial e, de certa forma, fazer um revisionismo histórico, nos colocando no protagonismo de nossa própria história, num movimento vigente e sem precedentes de valorização da imagem das pessoas vindas da periferia. Não se trata de um mero uso estético da imagem das pessoas negras e da periferia, mas de relacionar a imagem dessas pessoas, antes representadas sob a perpetuação de uma visão inferior e subalterna, ao tecido retalhado que nas obras carrega todo um significado de resistência de pessoas que se fizeram de seus dramas pessoais e buscam tecer sua própria alvorada.

Quantas obras “Tessitura da Alvorada”? Com variadas técnicas?

18 obras, em dimensões variadas. Quanto às técnicas, além dos usos dos materiais e modos de produção que marcam minha trajetória, como o spray e outros materiais de uso urbano, como canetas e marcadores, está incluso nesta série a costura, toda realizada por mim. O ato de costurar funciona no sentido de buscar novas possibilidades com o suporte, encontrando formas mais decoloniais de produção, além de ampliar as relações com a memória

familiar, uma vez que minha mãe também costurava, o que pra mim foi um desafio muito grande, não profissionalmente, mas por trazer lembranças de curiosidade na infância, o desejo de operar aquele mecanismo impulsionou a ideia de usar a costura como uma técnica imprescindível para a construção dessa série. O tecido enquanto elemento histórico remonta do período das cavernas. A diversificação de fibras, como o algodão e o linho, e as formas distintas de tecelagem e tintura eram parte da realidade egípcia há mais de 5.000.A.C., sendo um material simbólico do período.

"Tessitura da Alvorada" segue sua trajetória, ou cria também contornos novos para sua obra?

Acredito que sim e não. A minha trajetória como pintor segue firme e forte. Mas o que muda, mais uma vez, é a relação com o suporte. Acho que isso realmente faz parte da minha trajetória. Esse transitar, modificar aspectos da visualidade da obra ao longo do tempo, até porque eu vinha me expressando visualmente através do uso de telas rasgadas e reutilizadas desde 2009, quando realizei os primeiros trabalhos nessa direção, não apenas por questões estéticas, mas muito mais conceituais, existenciais, inclusive.

Nesse momento, os trabalhos seguiram a lógica da colagem tentando criar uma visualidade a partir dos recortes de telas e criando uma espécie de mosaico, numa nítida ideia de juntar os cacos, o que pode ser visto nos trabalhos – Raiar após a noite escura I e II, e Lusco fusco. Esse *modus operandi*, nascido após a perda de meu único irmão, se potencializou na ideia de trabalhar o fundo através de uma visualidade fragmentada e caótica do espaço ao redor, que por outro lado só poderia ser reordenado, unido, através de uma imagem. Assim desdobram-se os trabalhos da série O diário de Bordo, os quais abordam subjetivamente os dilaceramentos deixados como herança pelo período colonial ao povo preto e periférico brasileiro, e as relações entre passado e presente.

Mas o tempo passa, as dores foram ressignificadas, e esta fase gerou novas possibilidades. Assim, as colagens dos retalhos recortados e, criteriosamente, agrupados deram espaço ao ato decolonial de "apenas" rasgar as telas, deixando isso explícito, sem a maquiagem do recorte, do arremate, da polidez e requinte priorizados como elementos de visualidade. Tudo isso deu lugar à força de uma nova estética em que o vazio do rasgo se mostra como elemento

estético, um vazio que se torna código para novas metáforas visuais, novos caminhos, pensando o suporte para além do plano bidimensional, ideia de belas artes e sua tela em branco, trazidos pelos diversos artistas europeus que fundamentaram a arte brasileira. Esse movimento envolve o desenvolvimento de suportes que nos ajudem a romper com padrões e modelos pré-existentes, dando espaço a essa eterna busca do novo.

Há uma radicalização nestes novos caminhos?

Eu não sei. Para mim, eu estou seguindo um caminho natural, árduo, mas natural. Esses trabalhos tornam os caminhos nitidamente mais árdusos, demorados, mas com mais possibilidades também. Agora não se trata apenas de dar a base nas telas e pintar as imagens. Existe todo um processo antes do início da “pintura” – dar a base branca, realizar a pintura da base cromática do fundo, rasgar a tela, pensar o suporte, costurar e, finalmente, pintar. Eu acredito que esses novos caminhos, que esses trabalhos me possibilitam, são de mais liberdade de explorar outros formatos e ainda ampliar as relações entre figura e fundo, modificando a minha relação com visualidade e a representação no meu trabalho.

Alguma pesquisa o norteou na produção desta série?

Curiosamente, os objetos-portais, mas não apenas eles. Acredito que a prática de abertura do meu atelier como um espaço aberto de compartilhamento de processos artísticos contou muito.

LEIA A ENTREVISTA COMPLETA

www.paulodarzegaleria.com.br/exposicoes/anderson-ac



ORGANIZAÇÃO

Thais Darzé

Paulo Darzé

TEXTOS

Marcelo Rezende

Thais Darzé

Claudius Portugal

Emanoel Araújo

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Bruna Sanjuán

Cica Lima

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

P55 Edição

FOTOGRAFIAS DAS OBRAS E DO ARTISTA

Marcio Lima



Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8

Corredor da Vitória, Salvador/BA

CEP 40081-310

71 3267.0930 / 99918.6205

paulodarze@terra.com.br

www.paulodarzegaleria.com.br



**PAULO
DARZÉ**

GALERIA



9 786500 550047